

Repetência e evasão na escola pública

JOSÉ GOLDEMBERG

17 NOV 1992

ESTADO DE SÃO PAULO

O professor Sérgio Costa Ribeiro, do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, fez, nos últimos anos, interessantes análises do problema da evasão escolar.



Como se sabe, esta evasão é considerada alarmante e a principal causa do insucesso das escolas de primeiro grau. Os dados do Ministério da Educação mostram que cerca de 25% dos alunos que ingressam no primeiro ano desaparecem da escola depois de um ano, situação esta que se repete ao longo dos anos seguintes, com taxas de evasão de cerca de 10% a cada ano, com o seguinte resultado final: de cada 100 alunos que começam seus estudos com sete anos, apenas 25 concluem o primeiro grau, após oito anos de estudo.

As estatísticas do Ministério da Educação, ao que tudo indica, estão simplesmente equivocadas, porque não levam em conta que alunos freqüentemente mudam de escola sem sair do sistema ou são rematriculados na mesma escola como alunos novos. Isso dá origem a uma dupla contagem, que leva à interpretação de que existe uma enorme evasão, quando, na realidade, o que existe é um elevado grau de repetência.

As análises indicam que o índice de evasão de 25% apontado acima cai para 2,3%. O que aumenta muito é a repetência: na metodologia do MEC, ela é de 30%, passando para cerca de 52% na metodologia do professor Costa Ribeiro.

Com essa mudança de metodologia não muda muito o número de aprovados, que se situa em torno de 50% a 70%, dependendo do ano.

O que muda, contudo, é a compreensão do que se passa no primeiro grau, levando parte das Secretarias de Educação dos Estados e do Ministério da Educação a políticas equivocadas.

De acordo com Costa Ribeiro, "como a criança sai da escola, mas não sai do sistema, ao ser contada como nova e já ter freqüentado anteriormente a série, a idade média de ingresso no sistema aumenta, causando a impressão de que há uma dificuldade de acesso ao sistema, o que não ocorre na realidade". Resulta desta análise que 93% das crianças de uma dada geração têm acesso à escola no País: "O acesso à escola do primeiro grau está praticamente universalizado no País, ao contrário do que é propalado, que milhões de crianças fora da escola na idade escolar é uma consequência da falta de matrículas para o acesso."

Das que não estão na escola, mais de dois terços estão localizadas nas regiões pobres do Nordeste, onde a sobrevivência dos filhos, e não sua educação, é a primeira prioridade da família.

Quais as causas da repetência elevada nas regiões de melhor renda do País? De acordo com Costa Ribeiro, "as análises antropológicas até hoje realizadas mostram clara-

mente na cultura do sistema a imputação do fracasso escolar ora aos próprios alunos, ora a seus pais, ora ao sistema sociopolítico, *raramente aos professores, sua formação ou à orientação escolar*".

As teorias que tentam explicar a elevada repetência nas escolas têm um sabor marxista e populista ultrapassados, tal como as teorias de dominação e poder das classes dominantes e privação cultural, entre outras. São estas teorias que levam certos Estados a promover a aprovação automática dos alunos, como ocorre no Rio de Janeiro, removendo completamente o estímulo dos alunos para melhorar seu desempenho, como se competição não fosse a regra, e não a exceção, na vida adulta que os espera.

Aprovação automática é uma medida simpática, mas cosmética, que não toca no âmago do problema, que é melhorar o nível dos professores primários e seu status social.

■ José Goldemberg foi reitor da USP, secretário Nacional de Ciência e Tecnologia e ministro da Educação